

GLOBALIZAÇÃO, AGRICULTURA E A FORMAÇÃO DO MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL EM RONDÔNIA

Globalization, agriculture and the formation of the technico-informational-scientific space of Rondônia

Globalización, la agricultura y la formación del medio técnico-científico-informacional en Rondônia

Ricardo Gilson da Costa Silva¹
Universidade Federal de Rondônia - Brasil

RESUMO

A globalização constitui um vigoroso processo de transformações sociais que atinge todas as regiões do mundo. No espaço agrário ela produz a modificação da mercadoria agrícola em *commodity*, subvertendo as lógicas locais e as coerências internas dos lugares e regiões. As transformações territoriais em Rondônia derivadas do processo de globalização resultam na modernização da base técnica da agricultura e nos processos que espessam as interdependências do campo-cidade, configurando a região do agronegócio da soja com a formação do meio técnico-científico-informacional. A hidrovia Madeira-Amazonas alicerça a fluidez territorial, condição imperativa para o avanço dos espaços da globalização. A produção de soja se consolida e instaura novas dinâmicas territoriais que modifica a geografia agrária e regional de Rondônia.

Palavras-chave: globalização; agronegócio; Rondônia; relações campo-cidade.

ABSTRACT

Globalization constitutes on a vigorous process of social transformation, impacting on all regions of the world. Concerning the rural spaces, it introduces the modification of goods on commodities, subverting the local logics and internal coherences of places and regions. The territorial transformations on Rondônia results of the modernization of technical structures of agriculture and on the processes that enlarges the interdependences of rural-urban regions, which configurates the agribusiness of soy with the formation of that technical-informational-scientific environment. The waterway of Madeira-Amazonas grounds the territorial fluidity, imperative condition for the advance of globalized spaces. The soy production consolidates and imposes new territorial dynamics which modifies the agrarian an regional geography of Rondônia.

Keywords: globalization; agribusiness; Rondônia; rural-urban relationship.

RESUMEN

La globalización constituye en proceso de transformación social vigoroso que afecta a todas las regiones del mundo. En espacio agrario produce modificación de las mercancías agrícolas en *commodity*, subvertiendo la lógica local y coherencias internas de lugares y regiones. Las transformaciones territoriales en Rondônia resultan en la modernización de la base técnica de la agricultura y espessam las interdependencias del campo-ciudad, estableciendo la región agroindustrial de soja con la formación del medio técnico-científico-informacional. La hidrovia Madeira-Amazonas funda la fluidez territorial, condición imprescindible para el avance de la globalización. La producción de soja se consolida y presenta nuevas dinámicas territoriales que modifica la Geografía Agraria y regional de Rondônia.

Palabras clave: globalización; agronegocios; Rondônia; relaciones urbano-rurales.

INTRODUÇÃO

Há quase vinte anos Milton Santos publicava dois instigantes textos renovadores da análise geográfica sobre os processos territoriais decorrentes da globalização, que invadia todas as latitudes do mundo¹. Neles estão esquematizadas enriquecedoras formulações teórico-metodológicas referentes à espacialidade derivada do encontro entre o global e o local, fornecendo boas pistas à investigação geográfica para compreender a

manifestação empírica da totalidade-mundo nas regiões, nos territórios e nos lugares.

Os elos da globalização são mais densos nas geografias das metrópoles, nas regiões industrializadas e nos espaços agrários que incorporaram os sistemas técnicos modernos na atividade produtiva. Mas esses movimentos, esses fluxos da totalidade-mundo invadem seletivamente outros lugares, causando reformulações estruturais nas formas de ocupação do espaço, mesmo os mais afastados

do centro nevrálgico do motor econômico do mundo.

Então, como podemos analisar a manifestação empírica da globalização nas regiões periféricas, a exemplo da Amazônia brasileira? O objetivo desse texto visa perscrutar esses processos a partir do espaço agrário rondoniense, problematizando a modernização da agricultura e os movimentos que espessam as interdependências do campo-cidade. Como partido de teórico-metodológico, conduzimos nossa reflexão com base na teoria geográfica da sociedade elaborada por Milton Santos, abordando a expansão do meio técnico-científico-informacional como manifestação empírica do mundo globalizado, cujos conceitos norteadores permitem-nos focar as metamorfoses do território usado e as contradições resultantes das ações dos agentes territoriais (sociais, econômicos e públicos) na objetivação social do espaço.

Em nossa análise, é no espaço agrário que a globalização se manifesta em Rondônia, quando da transformação da produção agrícola em *commodity*, cristalizando uma geografia do agronegócio da soja. Instauram-se processos de reestruturação territorial que modificam as coerências internas do espaço regional, expressos na regionalização da produção, nas migrações internas e no decréscimo da população rural. Como procedimentos metodológicos, sistematizamos as análises a partir de trabalho de campo, seguido de técnicas estatístico-cartográficas para mapear tais processos, utilizando o software de cartografia temática Philcarto².

ESPAÇOS DA GLOBALIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÕES AGRÁRIAS

No período contemporâneo o espaço geográfico apresenta-se como constituição do movimento do mundo globalizado nas diversas espacialidades da vida social, expressas nos lugares, territórios e regiões. A esse fundamento Santos (1996) descreveu como universalidade empírica, indicando que as relações sócio-espaciais acontecem com mediação multi-escalar e multi-temporal, quando os processos locais são invadidos pelos fluxos e movimentos globais, alargando o contexto dos lugares.

Essas mediações operam aproximações produtivas no território engendrando novas *dinâmicas territoriais*, noção geográfica entendida como o movimento da sociedade transformando e produzindo o espaço em suas diversas escalas (SILVA, 2007 e 2009). Denota-se, nessa perspectiva, que a realidade social contém em seu movimento os elementos estruturadores da totalidade-mundo, cujo fenômeno histórico contemporâneo chamamos de globalização. Por essa leitura a compreensão das agudas problemáticas territoriais em voga na Amazônia brasileira converge para o que Santos (2005a) qualificou de *espaços da globalização*, pois, somente alguns lugares são efetivamente preparados ou transformados para receberem leques de mudanças que se estruturam no amoldamento do meio técnico-científico-informacional, sendo este o novo meio geográfico em que se condensam os conflitos dos diversos agentes na produção contemporânea do território, cujas funcionalizações aproximam os lugares, formando uma produção raciocinada do espaço.

Para Santos (2005a, p. 147):

O mundo oferece as possibilidades, e o lugar oferece as ocasiões. Não se trata aqui de um 'exército de reserva' de lugares, senão da produção racionada de um espaço, no qual cada fração do território é chamada a revestir características específicas em função de uma produtividade espacial, fruto de um ordenamento intencional e específico. (Grifo do autor)

Isto posto nos remete a analisar as dinâmicas territoriais a partir de um conjunto coerente e estruturado de variáveis que configuram o avanço dos *espaços da globalização*, visto que as manifestações nos seus múltiplos territórios espessam elos que convergem escalas geográficas de objetivações sociais diferentes, contraditórias e complementares, engendradas pelos diversos agentes políticos, econômicos e sociais.

O *avanço dos espaços da globalização* na Amazônia e seus conflitos realizam-se com maior tensionamento no espaço agrário em decorrência das transformações políticas e técnico-científicas da agricultura capitalista. Esta promove um tropel de instabilidades no território cujo sentido ainda está em franco debate e lutas pelos agentes protagonistas, os agentes territoriais. No plano político - *das ações* - o espaço é cada vez mais apropriado de forma corporativa, que dimensiona suas formas constituintes - *seus objetos* - na compleição de sentidos que alargam o contexto dos lugares e do território, erguendo pelas forças do capital nacional e internacional emergentes complementaridades regionais.

A concretude social decorrente traduz-se no *acontecer solidário* (SANTOS, 1996, 2005a), processo que converge no território a possibilidade de fundir projetos distantes que corroboram para uma funcionalidade global, substantivando-se nas diversas estratégias de objetivação dos projetos sociais e econômicos em latentes conflitos, revelados pela multidimensionalidade das escalas geográficas. A questão sugere que a incorporação de espaços produtivos aos fluxos globalizados implica no avanço de capital também em áreas periféricas, as quais contribuem com a expansão geográfica do capital e sua reprodução (HARVEY, 2006). Nessas características e inerentes ao processo são eminentes a gestão - pelos agentes públicos e privados - de formas estruturais capazes de criar capacidade de circulação nas áreas produtivas, conectando-as com outros mercados, que representa, geograficamente, a renovação da materialidade do território e sua fluidez territorial (SANTOS, 1996; SANTOS e SILVEIRA, 2005; ARROYO, 2003).

A partir de 1997 a *Hidrovia Madeira-Amazonas* (FIGURA 1) interliga os portos de transbordos de soja dos grupos Maggi e Cargill (agentes hegemônicos), conectando a cidade de Porto Velho à Itacoatiara, no estado do Amazonas, e à Santarém, no estado do Pará. Por essa rede geográfica transportam-se os grãos de soja produzidos em Rondônia e no noroeste do Mato Grosso para a Europa e China. Em si, a hidrovia configura-se como *sistema de objeto* que modifica a composição técnica do espaço regional, conduzindo à inserção de uma nova lógica de produção do espaço agrário rondoniense, agora pautado nas escalas

nacional e global, ou seja, o novo produto agrícola (soja) se transforma em *commodity*.

Portanto, os espaços da globalização que se adensam na Amazônia têm nas redes territoriais ou geográficas os elos que aproximam esse acontecer solidário, unificando campo e cidade na articulação dos circuitos espaciais de produção concomitante aos círculos de cooperação. A fluidez territorial da mercadoria globalizada (soja) no estado de Rondônia e no

noroeste do Mato Grosso indica, ao mesmo tempo, a manifestação empírica da globalização e a fragmentação do espaço regional. A Hidrovia Madeira-Amazonas está relacionada à estratégia do Grupo Maggi em transformar a Amazônia numa fronteira internacional da produção de *commodities*, potencializada pela consolidação da soja no Mato Grosso que avança para outros estados da Amazônia (BECKER, 2007).

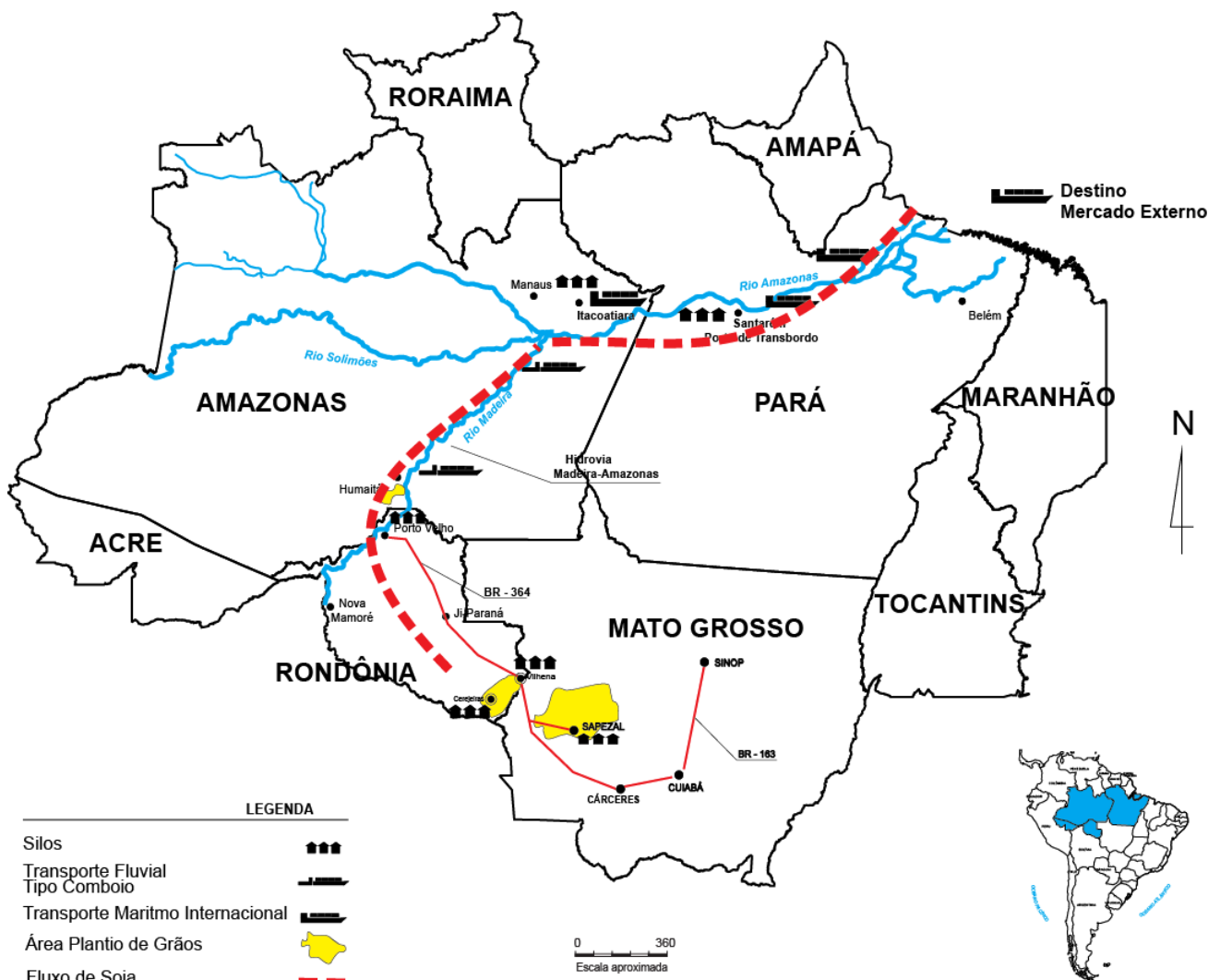


FIGURA 1 - Rede Territorial: transportes e circulação de soja Amazônia Meridional
Fonte: Silva, 2005.

O ACONTECER SOLIDÁRIO: CAMPO E CIDADE ENTRE O LOCAL E O GLOBAL

As manifestações do mundo nos lugares, regiões e territórios só podem ser

compreendidas se não dissociarmos esses acontecimentos do movimento da totalidade-mundo. As dinâmicas territoriais da

globalização realizam-se nos lugares a partir das condições materiais, técnica e sociais que esses subespaços possam apresentar em seu tecido geográfico.

Santos (1996, p. 131- 132) assim analisa o *acontecer solidário* como processo espacial dos fluxos da globalização que distingue os lugares:

O acontecimento é a cristalização de um momento da totalidade em processo de totalização. Os eventos [a matriz do tempo e do espaço] operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. [...] Tanto a região quanto o lugar são subespaços subordinados às mesmas leis gerais de evolução, onde o tempo empiricizado entra como condição de *possibilidade* e a entidade geográfica preexistente entra como condição de *oportunidade*. A cada temporalização prática corresponde a uma espacialização prática, que desrespeita as solidariedades e os limites anteriores e cria novos. [O] *acontecer solidário*, que define um subespaço, região e lugar, [corresponde] a realização compulsória de tarefas comuns, mesmo que o projeto não seja comum. (Grifo do autor)

O *acontecer solidário* é o processo geográfico que expressa a inserção espacial dos feixes (possibilidades) da globalização em determinado lugar que reúne as condições sócio-técnicas (oportunidades) para a produção de uma mercadoria ou serviço globalizado, realizando-se sob três formas: *acontecer homólogo*, *acontecer complementar* e *acontecer hierárquico*.

O processo espacial - o *acontecer solidário* - solidifica-se em Rondônia a partir da dinâmica geoeconômica do agronegócio, que torna indissociável a unidade campo e cidade, ampliando suas complementaridades. Nessas

dinâmicas a escala de ação dos agentes públicos, econômicos e sociais engendram as condições para uma reestruturação territorial, sobretudo, quando se considera que na atualidade essas atividades estão cada vez mais interdependentes e portadoras de razão e escala globalizada.

É assim que o espaço torna-se uma questão central para agentes de todas as esferas políticas. Tanto o Estado como os agentes hegemônicos (empresas nacionais e internacionais) revitalizam por meio de suas estratégias, o papel do espaço para a acumulação capitalista. A produção do espaço é a nova agenda de discussão na Amazônia, na medida em que tais mudanças só podem ser operacionalizadas se houver uma gestão da malha territorial, ou seja, controle, estratégia e projetos (BECKER, 2003; MACHADO, 1992). Seus múltiplos significados passam a ser uma luta política que envolve agentes locais, regionais, nacionais e internacionais nas políticas públicas. Sua formulação implica considerar a escala de sua realização e de seus comandos (agentes).

No estado de Rondônia a modernização da agricultura assinala o fortalecimento do agronegócio dos produtos destinados à exportação (soja e carne). O crescimento da produção destas *commodities* decorre da valorização do preço no mercado mundial, da oferta de terras, do desenvolvimento de tecnologias apropriadas, das condições edafoclimáticas e das infraestruturas em redes, como as estradas, portos e hidrovias, que impulsionam o avanço da fronteira agrícola capitalizada (SILVA, 2005).

A diferenciação espacial a partir da mudança da base técnica da agricultura pautada na produção de *commodities* indica o *acontecer homólogo*, representado por uma mercadoria especializada – a soja – que gera contiguidades funcionais onde os produtores e empresas passam a delinear suas atividades a partir das informações técnicas e normas que a mercadoria globalizada exige para sua produção. A especialização produtiva é concebida pela concentração de capitais que alimentam as trocas setoriais da geoeconomia agrícola, que funde no campo a formação de uma regionalização agrícola (BERNARDES, 2006; ELIAS, 2003).

Assim, verifica-se a concentração geográfica da produção de soja no sul rondoniense destinada ao comércio exterior, ao passo que a produção pecuária (produção de carnes) se desloca para outras áreas da fronteira agropecuária intra-estadual. As cidades respondem à modernização destinando recursos públicos para a manutenção de infraestruturas e à formação de profissionais para adequar-se a esse novo feixe de modernizações no/do campo.

O *acontecer complementar* promove a articulação campo-cidade e representa a expansão do meio técnico-científico-informacional em Rondônia, ainda que se manifeste de forma pontual ou manchas. Para o controle da produção é necessário centralizar as ações, sendo as cidades o centro desse processo de gestão e de criação de emergentes formas de trocas e de intercâmbios técnicos. Trata-se de uma gestão local do conhecimento onde temos “a primazia das formas com relevância das

técnicas” (SANTOS, 1996, p. 133), em que a co-presença e as horizontalidades são prementes, pois, reúnem os agentes políticos locais (produtores, comerciantes, instituições de pesquisas e assistência técnicas, prefeitos, vereadores e deputados).

O campo responde com o avanço espacial das áreas de produção, qualificando a cidade como *locus* de gestão do poder que se concretiza com os nexos da rede territorial (FIGURA 1), o que inclui tanto o sistema de transportes como as estruturas privadas das empresas, ou seja, os novos sistemas de objetos. Os arranjos estruturais nas cidades aumentam o poder de controle, na medida em que se centraliza a informação e o fluxo da produção.

Esse conjunto de situações características de uma produção para o mercado externo promove uma significativa mudança na dinâmica agrícola das áreas produtoras, requerendo das cidades conexões com os centros globalizados, com as áreas mais modernas. O *acontecer hierárquico* configura-se em rede de conexões que abrange a articulação territorial dos municípios produtores, formando centros cuja funcionalidade deriva das lógicas dos agentes econômicos hegemônicos. São esses pontos os nexos de intersecção de uma dinâmica local/regional como as dinâmicas globais.

Os *aconteceres homólogo* e *complementar* se conformam com o *acontecer hierárquico* na medida em que, para este, a política das empresas torna o território objeto de intervenções e campo de poder das grandes empresas capitalistas que gravitam no âmbito da economia agrícola e industrial, a exemplo dos grupos Maggi e Cargill, ambos sediados no

município de Vilhena, o centro da produção de soja.

A aceleração das mutações sociais e territoriais é uma constante e o campo se torna um espaço composto de novas formas estranhas ao contexto local, e isso incluem novos sistemas técnicos produtivos, ao passo que a solidariedade orgânica passa a ser mediada por uma solidariedade de mercado – a solidariedade organizacional, centrada na produtividade e na atualização tecnológica (SANTOS, 1996; SANTOS e SILVEIRA, 2005). Neste processo se produzem as verticalidades no espaço do agronegócio, um conjunto de mudanças políticas e técnicas que subvertem a lógica do lugar, no qual o conteúdo social e econômico passa a ser dinamizado pelas lógicas hegemônicas, com a predominância da política e das normas sobre a técnica e a produção local.

O ESPAÇO AGRÁRIO DAS COMMODITIES, MONOCULTURAS E MIGRAÇÕES

A dinâmica geográfica dos *espaços da globalização* geram instabilidades no território e nos lugares. Nos municípios rondonienses onde cresce a agricultura globalizada dois processos contraditórios e complementares se instalam, resultando na diferenciação geográfica da sociedade e do espaço.

O primeiro é a *especialização produtiva do território*, resultado do avanço da produção de soja que se consolida como atividade funcional ao comércio globalizado e se constitui como elemento indutor da dinâmica territorial em Rondônia. A natureza qualitativa dessas transformações reside, entre outras variáveis, na constatação de que várias atividades produtivas

antes pouco integradas passam a compor uma tessitura em que a interdependência é crucial na sua configuração e, como resultado, na própria mudança substancial do espaço (SILVA, 2012).

A escala geográfica do comando da mercadoria se desloca da escala da produção, conformando que os lugares se tornam globalizados pela sua capacidade de produzir uma mercadoria que possa ser transacionada em outras regiões do globo, e a produção de soja inaugura esse movimento em Rondônia através da inserção espacial que une o global e o local. A escala é tempo (SANTOS, 2005a, p. 159) e por meio dos sistemas de objetos e sistemas de ações empiriciza o mundo globalizado nos lugares mais distantes dos centros modernos, como ocorre no sul de Rondônia.

Em 1998 a produção de soja correspondia a 15.790 toneladas, com uma área de 7.892 hectares. O crescimento saltou para 382.088 toneladas em 2010, e a área cresceu para 110.723 hectares, cuja produtividade foi de 3.450 kg/hectare, uma das maiores do Brasil. Nesse período, o sul rondoniense se torna o espaço da soja respondendo por 90% da produção desse grão, com destaque para o município de Vilhena que produz 32% do total (FIGURA 2).

A paisagem se transforma no agrorondoniense com o avanço dessa *commodity* que, somado ao crescimento da produção de arroz e milho, deslocou a pecuária para outras sub-regiões do estado. A geografia derivada do agronegócio cristaliza-se no período de 2000 a 2011 quando o rebanho bovino em Vilhena aumentou em 43%, muito distante do crescimento estadual que foi de 132%. A produção de grãos (soja, arroz e milho)

substituiu a pecuária em Vilhena e nos demais municípios do sul de Rondônia³ onde foi possível avançar na produção desses produtos.

Esse processo se fortaleceu com o mercado de terras aquecido pelo agronegócio, quando as aquisições e os arrendamentos de terras foram mais incisivos nessa região. Segundo os dados do Censo Agropecuário de 2006, a região da soja respondia por 34% dos arrendamentos, sendo que em Vilhena a média da área arrendada era de 414 hectares, muito superior a de Rondônia (75 hectares). O agronegócio impõe a especialização produtiva do território e a solidariedade organizacional, considerando que

a modernização agrícola requer grandes quantidades de insumos e maquinários para aumentar a produtividade do trabalho, a produtividade da terra e as normas no território. A esse fenômeno Santos (2005b) qualificou de *cidades do campo*, registrando que o campo modernizado se torna sequioso dos diversos serviços e equipamentos da cidade, ampliando suas relações setoriais. Se a cidade passa a regular o campo modernizado, este, por sua vez, demanda o consumo produtivo da cidade, adaptando-as aos fluxos de modernização e especialização.

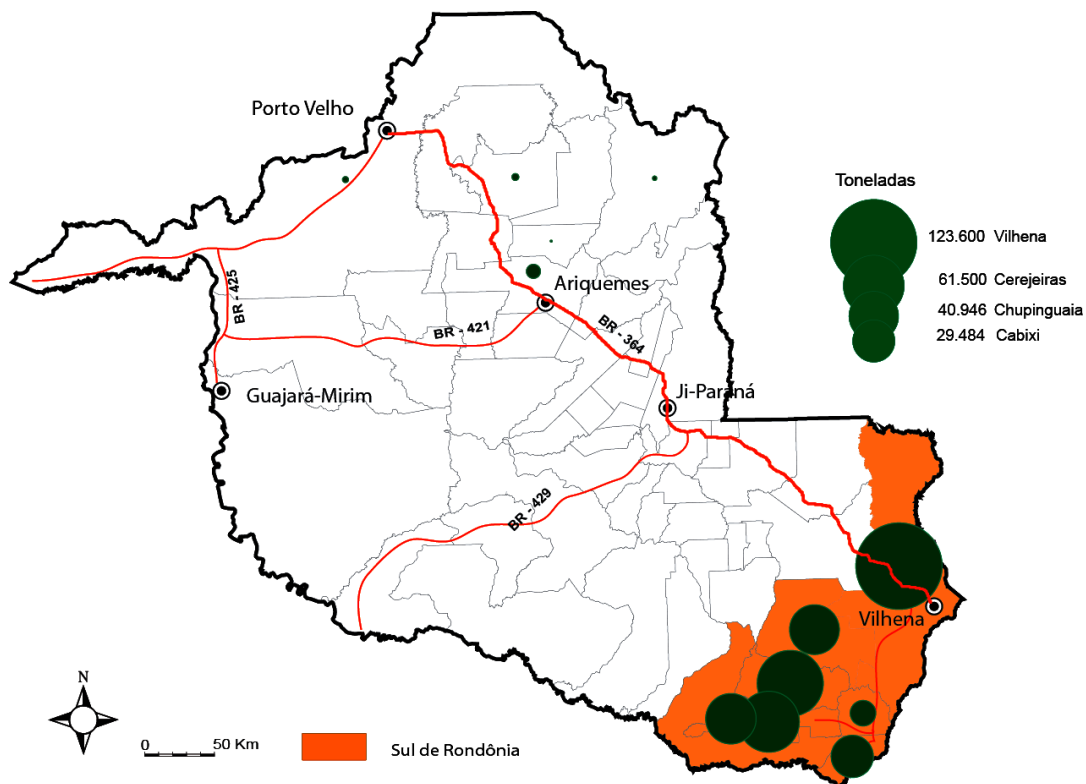


FIGURA 2 - Produção de soja em Rondônia (2010)
Fonte: IBGE, 2012. (PAM)
Elaboração: Autor (elaborado com Philcarto - <http://philcarto.free.fr>)

A densidade técnica na atividade produtiva se condensa nas regiões de maior expressão agrícola e a relação do número de maquinários (tratores) com os estabelecimentos agrícolas

onde avançam a produção de *commodities* indica, de modo geral, a modernização agrícola e a nova composição técnica do território (FIGURA 3). Outros indicadores da

especialização produtiva são também expressivos nessa mesma região. No conjunto, os municípios do sul de Rondônia respondiam por 36% das semeadeiras e/ou plantadeiras, 53% das colheitadeiras, 27% dos pulverizadores e 42% das adubadeiras e/ou distribuidoras de calcário (IBGE, 2006). Também reuniam somente 4,6 % do total das unidades de

depósitos e silos para grãos, correspondendo a 24% da capacidade de armazenagens de grãos de Rondônia. Toda essa materialidade técnica reunida a produzir *commodities* cria a diferenciação geográfica, momento que se verificar a manifestação das verticalidades e horizontalidades no espaço agrário modernizado.

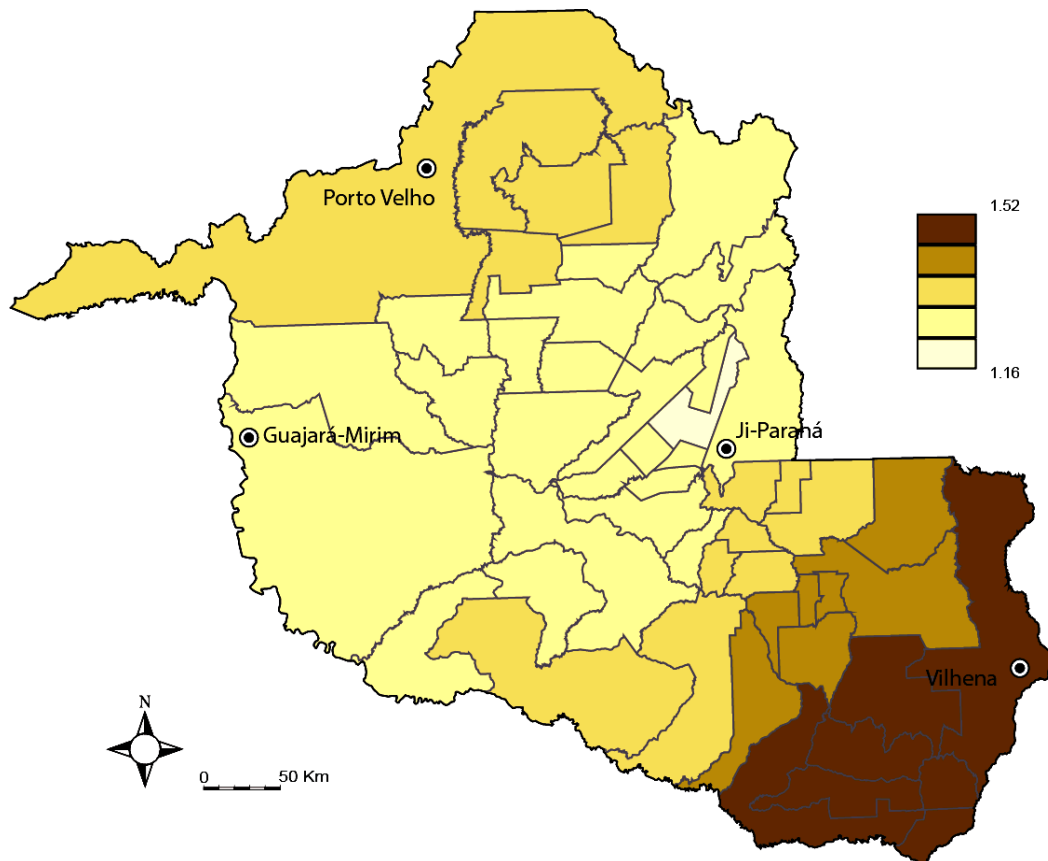


FIGURA 3 - Rondônia: distribuição de tratores por município (2006)
Fonte: IBGE, 2006. (Censo Agropecuário)
Elaboração: Autor (elaborado com Philcarto - <http://philcarto.free.fr>)

A financeirização da atividade agrícola complementa a circulação do capital no campo, sendo uma das variáveis que corrobora com a inserção globalizada da mercadoria e da monetarização da vida cotidiana. A dinâmica do agronegócio exige a disponibilidade de créditos para fazer circular todo o processo produtivo e, por conseguinte, a financeirização se torna importante instrumento de atuação dos novos

agentes, unindo a agricultura, comércio, indústria e o setor bancário (público e privado). Nessa aproximação os estabelecimentos agropecuários do sul rondoniense representavam 10% dos que acessaram algum tipo de financiamento, consumindo 18% do valor financiado em Rondônia (IBGE, 2006). A financeirização do campo se torna um dado crucial dos mercados globalizados, pois, através

desse mecanismo foi possível aos agentes hegemônicos, as grandes empresas do agronegócio, estimular a modernização da agricultura e instalar nos lugares seus sistemas de objetos para ampliar a transformação técnica do território, dando-lhes maior fluidez. As *Verticalidades* - pontos do espaço que, apesar de separados, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia - cristalizam as emergentes solidariedades organizacionais dos agentes hegemônicos (SANTOS, 1996; SANTOS; SILVEIRA, 2005), especialmente os grupos Maggi e Cargill, que impulsionam a configuração territorial de novos arranjos produtivos, de serviços e de fluxos nas cidades, como é o caso de Vilhena e Cerejeiras.

A clivagem política dos agentes territoriais assenta luzes sobre a objetividade dos projetos em disputas no território, desdobrando na dialética global versus local. Uma renovada materialidade de objetos fixos (rodovias, portos, hidrovias, plantas industriais e comerciais, por exemplo) e de fluxos (circulação de mercadorias, capitais, pessoas, signos e mensagens dos agentes econômicos, etc.), resulta desse aprofundamento da diferenciação espacial no agroregional, produto das ações mais relacionadas às dinâmicas dos espaços da globalização (SILVA, 2009 e 2012).

O segundo processo denominamos de *expansão da fronteira agropecuária*. Como já afirmamos, a reorganização produtiva centrada na modernização da base técnica da agricultura gera especializações territoriais. Tais sinergias fazem com que a pressão social em direção às novas terras aumente, expandindo a fronteira

agropecuária. Todavia, trata-se de um movimento intra-estadual, basicamente circunscrito aos limites geográficos estado de Rondônia, com potencialidade a expandir para o Acre e sudoeste do Amazonas, envolvendo os municípios de Humaitá e Lábrea.

Dois movimentos são importantes na *expansão da fronteira agropecuária*: o crescimento da pecuária e a migração campo-campo e campo-cidade. Em 1990, o efetivo bovino era de 943.256 cabeças, em 2000 representava 4.178.316, e aumentou para 9.684.055 cabeças em 2011, crescendo 10 vezes nesse período. Contudo, se nos anos iniciais a pecuária se concentrava no centro-sul de Rondônia, o avanço da soja, arroz e milho, fez deslocar o rebanho bovino, principalmente, para o Norte e Noroeste do estado, ainda que se registre que a pecuária cresceu em todas as sub-regiões, tornando-se a principal mercadoria do campo rondoniense (FIGURA 4).

A movimentação geográfica do rebanho bovino, no período de 11 anos, demonstra diferenças abissais no uso do território, ressaltando que no sul rondoniense essa atividade continua importante, mas cede cada vez mais espaço à atividade agrícola dos grãos. O deslocamento gradual, que varia de 58 a 518%, movimenta-se para áreas ainda pouco ocupadas, objeto de grilagem de terras, desmatamentos em Unidades de Conservação e conflitos agrários (pela terra e madeira), que opõem agentes territoriais socialmente diferentes, mas que perseguem objetivos comuns, qual seja, transformar a natureza em espaço da agricultura.

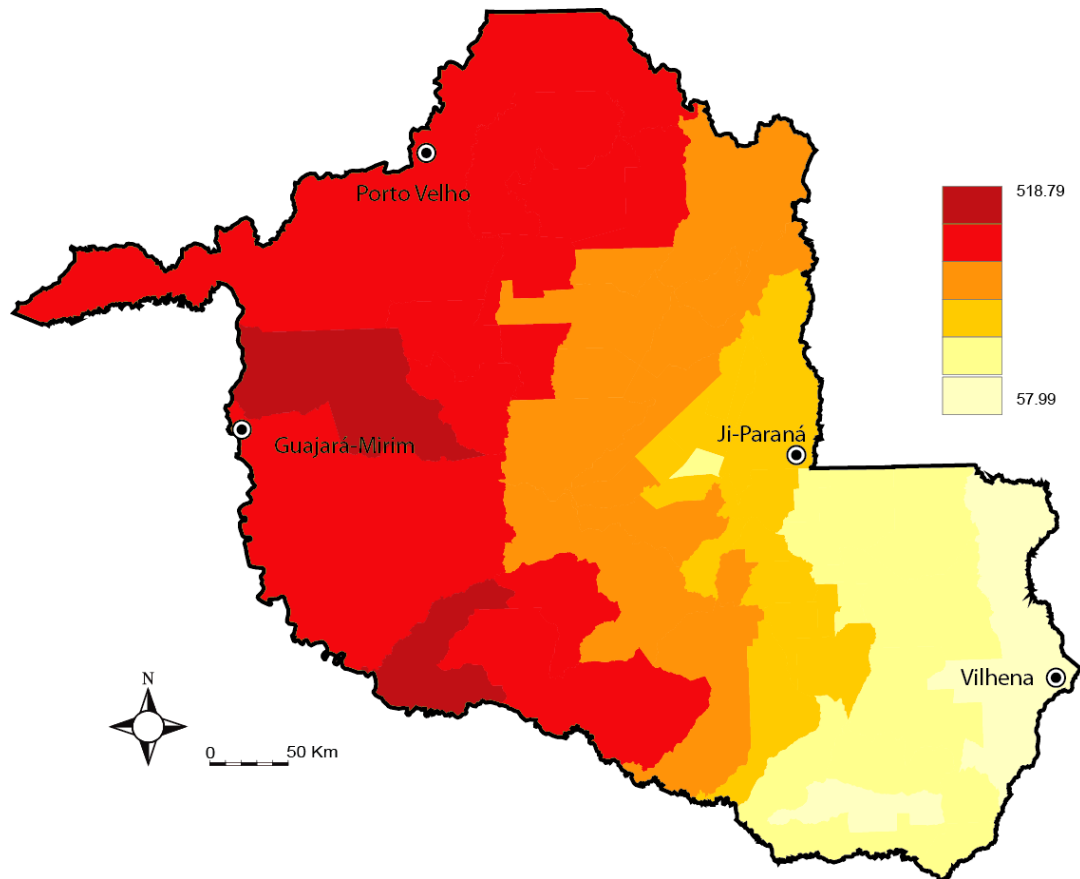


FIGURA 4 - Rondônia: variação do rebanho bovino (1990-2011)

Fonte: IBGE, 2012. (PPM).

Elaboração: Autor (elaborado com Philcarto - <http://philcarto.free.fr>)

As forças do capital agropecuário expandem-se territorialmente, cuja tensão social se cristaliza na transformação de áreas antes preservadas, onde a floresta era um elemento presente na paisagem, por conseguinte, com pouco desmatamento, em áreas de expansão da pecuária extensiva e de extração madeireira.

A concentração geográfica da modernização conservadora da agricultura no sul rondoniense desloca novas *frentes pioneiras* em busca de terras, convertendo áreas de floresta em pastagens. Isso tem rebatimentos na política estadual de ordenamento do território, seja no aumento do desmatamento, na pressão para redução de Unidades de Conservação, ou estimulando a invasão dessas áreas protegidas. A modernização da agricultura repõe a pauta da

questão territorial que demanda a produção de novos territórios do agronegócio, frequentemente em conflitos com territórios culturais e das populações tradicionais da Amazônia.

Por fim, a dinâmica populacional complexifica ainda mais essa geografia. Nas últimas décadas do século XX o movimento migratório foi muito intenso para Rondônia, estimulado pela possibilidade de acesso à terra através dos projetos de colonização agrícola do Governo Federal. Essa política proporcionou uma estrutura fundiária com forte presença camponesa, configurando-se no *espaço do campesinato*. É certo que quantidades consideráveis de famílias camponesas lutaram para ter acesso à terra, sendo que muitas não

conseguiram, mas o volume de pessoas/famílias assentadas constituem umas das diferenciações geográficas na ocupação do espaço regional.

Contudo, a partir da década de 1990 o crescimento da população urbana se distancia da população rural. Os Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 expressam as seguintes taxas, respectivamente, para o conjunto de pessoas residindo nas cidades: 58%, 64% e 73%; no

campo, esses dados são 42%, 36% e 27%. A variação da população entre 2000/2010 foi de 29% para a urbana, e -16% para a rural, enquanto a população total registrou 13,10% (FIGURA 5). Esses indicadores se agravam mais quando, dos 52 municípios que formam a rede urbana rondoniense, em 34 a população do campo decresceu, registrando baixas tanto nas áreas de monoculturas quanto nas de crescimento da pecuária de corte.

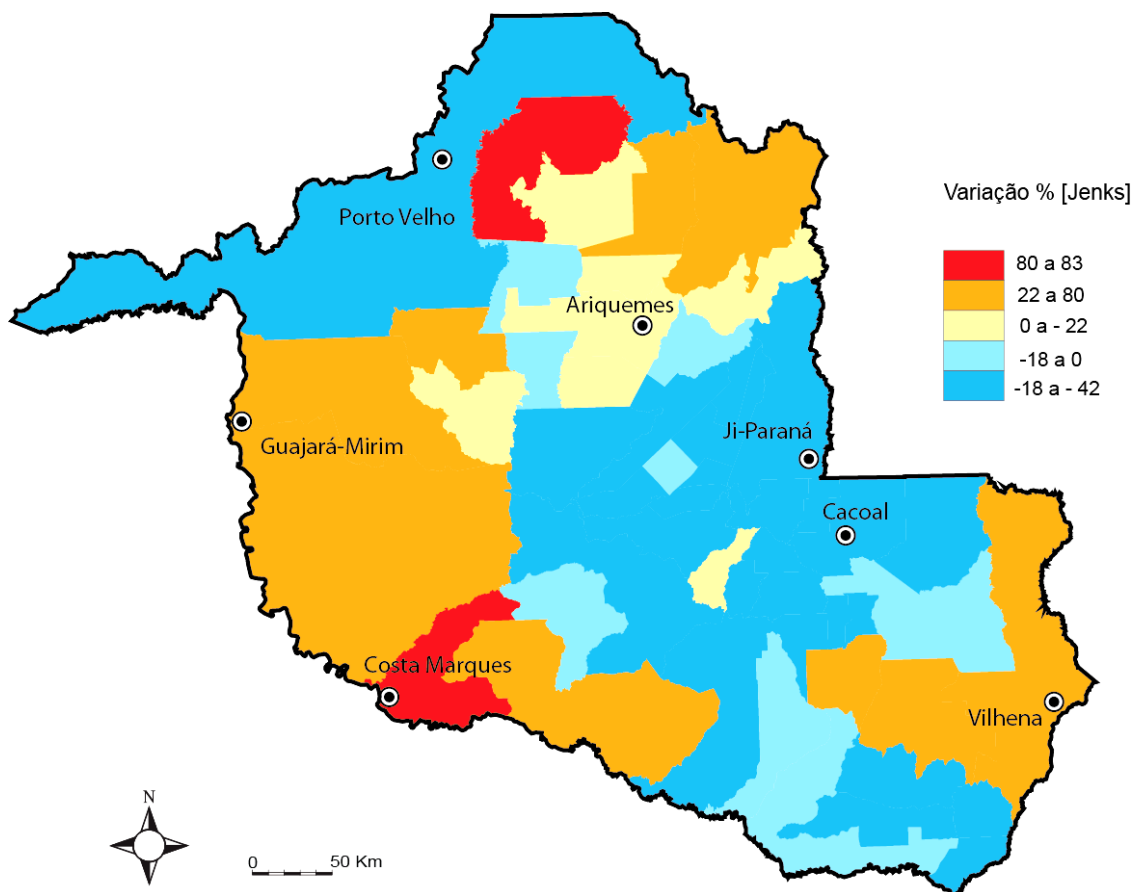


FIGURA 5 - Rondônia: variação da população rural (2000-2010)

Fonte: IBGE, 2010 (Censo Demográfico)

Elaboração: Autor (elaborado com Philcarto - <http://philcarto.free.fr>)

Quando analisamos detalhadamente a dinâmica populacional no campo, verificamos certa combinação entre a variação da pecuária e a regionalização dos grãos (soja, milho e arroz). No sul rondoniense o agronegócio da soja se consolidou e avançou sobre as áreas onde havia

maior presença da agricultura camponesa. A ressalva é o município de Vilhena que sempre apresentou alta taxa de urbanização e estrutura fundiária composta por grandes áreas combinada com baixo quantitativo populacional rural. Nos municípios de Cerejeiras,

Corumbiara, Cabixi e Colorado do Oeste o impacto da migração campo-cidade e, principalmente, campo-campo foi mais efetivo. Nessa região, a população rural reduziu, no período de 2000/2010, em -15%, e a urbana cresceu 25% (SILVA, 2012), o que indica a migração para as cidades e para zonas rurais de outras sub-regiões de Rondônia.

Na região central, as cidades de Ji-Paraná, Cacoal e Jarú expressam maior dinamismo econômico e as agroindústrias (frigoríficos, laticínios e outros) constituem a base da economia regional, ampliando a atração das cidades em função dos empregos e da renda. A tendência é a redução da população rural devido à expansão da pecuária que libera força de trabalho para as cidades, principalmente, a juventude.

As demais sub-regiões veem crescer a pecuária, a extração de madeira e a instalação de projetos de assentamento rural, sobretudo, no Norte e Noroeste. Mais uma vez, a observação recai sobre Porto Velho, a capital de Rondônia, que apresentou taxa negativa de variação da população rural em -42%, decorrente das obras das Hidrelétricas do Madeira (Jirau e Santo Antônio) que absorveu parte da força de trabalho agrícola, obrigando-os a residirem em vilas (núcleos urbanos) ou cidades, que poderá mudar quando encerrarem as obras nas usinas.

Todas essas transformações convergem para a formação de um espaço agrário globalizado e fragmentado, inaugurado pelas modificações técnicas e políticas no campo. As principais mercadorias (carne e soja) destinam à exportação, dado que 70% da carne produzida em Rondônia é comercializada no mercado

nacional e internacional, e a produção de soja, controladas pelos grupos Maggi e Cargill, serve somente à exportação. A carne e os grãos de soja, respectivamente, representam 36,96% e 26,91%, ou seja, 63,87% do total das exportações feitas por Rondônia no ano de 2011. Os novos destinos dessas mercadorias são os países europeus, asiáticos e africanos, com destaque para a Rússia, Holanda, Egito, Reino Unido, Hong Kong/China e, no Mercosul, a Venezuela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modernização da agricultura que o Brasil vivenciou a partir de 1960, instala-se em Rondônia em 1995-1997, com a inserção de dois elementos produzidos no espaço: a Hidrovia Madeira-Amazonas e a produção de soja. Ambos inauguram um espaço-tempo específico na geografia regional, concretizando no território as lógicas capitalistas globalizadas, que subvertem as coerências locais e particulares. Comportam-se como signos da globalização que invade os lugares, instaurando novas lógicas e novas racionalidades no cotidiano social.

A paisagem agrária é preenchida pela avassaladora geometria das monoculturas (grãos), com seu sistema técnico até então estranhos ao cenário agrário rondoniense. A modernização da agricultura forçosamente aumenta a composição técnica e orgânica do capital, invadindo as áreas periféricas que não haviam sido objeto de ação dos capitais hegemônicos. É o movimento geográfico do *capital* em busca de seu espaço, decorrente do processo de expansão da globalização, que reordena suas funcionalidades sempre alheia ao

contexto local e erosivo à solidariedade orgânica dos lugares, para construir um território produtivo ligado por redes territoriais do agronegócio. A hidrovía serve a essa necessidade de mais fluidez territorial, pois, não basta apenas produzir, mas pôr a produção em movimento. Enquanto a soja expressa uma *commodity* - a mercadoria globalizada, a hidrovía serve como sistema de objeto que promove a circulação do capital nos caminhos do mundo.

A globalização provoca desarticulações internas em todos os espaços. No campo, a monocultura indica a cientificização da paisagem, ao tempo que as populações camponesas convivem com as pressões decorrentes do avanço da modernização agrícola, que representa o uso de novas técnicas no processo produtivo, ocasionando a incorporação de áreas camponesas, via arrendamento de terras, ao agronegócio globalizado. As migrações e a concentração fundiária são outros indicadores dessas desarticulações, que em Rondônia ainda está em acelerado movimento, por isso, os tensionamentos sócio-territoriais relacionados ao incremento de áreas *naturais* para a agropecuária.

Nessas áreas a terra está sendo objeto de novas disputas, de novos projetos, visto que seu "encarecimento" no sul *forçou* a migração intra-estadual, desestabilizando instrumentos de gestão do território. A função do Estado (poder público), coerente com as forças políticas ligadas à expansão da economia de base primária, mostrar-se com maior vigor na negação de qualquer política que possa obstaculizar a plena

marcha do desenvolvimento agropecuário, daí a omissão na gestão das áreas protegidas, *pipocando* diversos conflitos sócio-territoriais.

Enquanto a pecuária (produção de carne) se espacializa em todas as sub-regiões de Rondônia, a soja se concentra, por isso, modifica estruturalmente o sul rondoniense, manifestando-se como *espaço da globalização*. É por isso que as dinâmicas territoriais em Rondônia, nos últimos anos, são tributárias da geografia da soja que incrementou novas demandas e novos movimentos no espaço regional. Todos esses processos conduzem à formação, ainda em manchas, do meio técnico-científico-informacional no espaço agrário.

NOTAS

¹ Geógrafo; Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP); Professor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

E-mail: rgilson@unir.br

¹ O texto "Os espaços da globalização" foi apresentado no Seminário *Analyse du systeme-monde et de l'économie mondiale*, Universidade de Paris-7, em fevereiro de 1993; "O retorno do território" foi uma comunicação apresentada no Seminário Internacional *Território: globalização e fragmentação*, realizada na Universidade de São Paulo, em abril de 1993. Ambos estão publicados no livro *Da totalidade ao lugar*.

² O software de cartografia temática PHILCARTO foi desenvolvido pelo Geógrafo Philippe Waniez, e pode ser acessado gratuitamente no seguinte endereço: <http://philgeo.club.fr/Index.html>

³ Dos 52 municípios de Rondônia, 7 estão localizados no Sul do estado: Vilhena, Cerejeiras, Corumbiara, Cabixi, Colorado do Oeste, Pimenteiras e Chupinguaia.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Mónica. Território Brasileiro e Mercado Externo: uma leitura dessa relação na virada do Século XX. In: SOUZA, Maria Adélia (Org.). *Território Brasileiro: usos e abusos*. Campinas: Edições Territorial, 2003.

BECKER, Bertha. Reflexões sobre a geopolítica e a logística da soja na Amazônia. In: BECKER, Bertha; ALVES, Diógenes; COSTA, Wanderley Messias (Orgs.). *Dimensões humanas da biosfera-atmosfera na Amazônia*. São Paulo: Edusp, 2007. p. 113-128

BECKER, Bertha. Amazônia: mudanças estruturais e urbanização. IN: GONÇALVES, M. F.; BRANDÃO, C. A.; GALVÃO, A. C. (orgs.) *Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional*. São Paulo: Editora UNESP: ANPUR, 2003. p. 651-656.

BERNARDES, Júlia Adão. Circuitos espaciais da produção na fronteira agrícola moderna: BR-163 matogrossense. In: BERNARDES, Júlia Adão; FILHO, Osni de Luna Freire. (orgs.). *Geografias da soja: BR-163 fronteiras em mutação*. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2006. pág. 13-37.

ELIAS, Denise. *Globalização e agricultura: a região de Ribeirão Preto*. São Paulo: Edusp, 2003.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. Trad.: Carlos Szlak. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Agropecuário - 2006: Brasil, grandes regiões e unidades da federação*. Rio de Janeiro, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro, 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Produção Agrícola Municipal - PAM*.

Rio de Janeiro, 2012. Acessado do banco de dados SIDRA. <http://www.sidra.ibge.gov.br>

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Pecuária Municipal - PPM*. Rio de Janeiro, 2012. Acessado do banco de dados SIDRA. <http://www.sidra.ibge.gov.br>

MACHADO, Lia Osório. A fronteira agrícola na Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*, vol. 54, n. 2, abr./jun., 1992.

RONDONIA. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico e Social. *Indicadores do Agronegócio*. Porto Velho, 2012. 30 p.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo - razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996. 308 p.

SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp, 2005a. 170 p.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. 5 ed. São Paulo: Edusp, [1993] 2005b. 174 p.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 8 ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, 2005. 473 p.

SILVA, Ricardo Gilson da Costa. A regionalização do agronegócio da soja em Rondônia. *Anais XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária*, Uberlândia, UFU, 2012. 14 p.

SILVA, Ricardo Gilson da Costa. Globalização e dinâmicas territoriais em Rondônia - Região Amazônica. *Geografizando - Revista de Estudos Geográficos*, v. 5, p. 41-61, 2009.

SILVA, Ricardo Gilson da Costa. Agronegócio e novas dinâmicas territoriais em Rondônia. In: X *Simpósio Nacional de Geografia Urbana - Trajetórias da Geografia Urbana no Brasil: tradições e perspectivas*, Florianópolis, 2007. v. 1. Anais, 15 pág. ISBN 978-85-61223-00-7

SILVA, Ricardo Gilson da Costa. *Avanços dos espaços da globalização: a produção de soja em Rondônia*. Porto Velho, 2005. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente), Núcleo de Ciência e Tecnologia, Universidade Federal de Rondônia, 168 f.